



SEÇÃO DOSSIÊ / ARTIGO ORIGINAL

A formação das juventudes na ambiência universitária confessional híbrida

Youth training in the hybrid confessional university environment

Vera Fátima Dullius¹

orcid.org/0000-0003-3304-0423
veradullius@gmail.com

Recebido em: 18 mar. 2020.

Aprovado em: 15 mai. 2020.

Publicado em: 5 nov. 2020.

Resumo: O artigo apresenta o conceito de juventudes a partir do olhar de algumas ciências e da cultura vivida na ambiência das universidades confessionais. Problematiza o papel estratégico das universidades no processo de formação das juventudes na sociedade brasileira considerando a emergência do contexto híbrido de educação e do apelo cristão por uma vida em sociedade mais humana e solidária. Pontua contribuições e desafios do magistério da Igreja Católica que estão expressos em alguns documentos contemporâneos. A reflexão proposta utiliza-se da abordagem metodológica fenomenológica para aproximação da questão das juventudes. Conclui que é imperativo vivenciar o diálogo empático para cumprir a missão da IES confessional como agente corresponsável na formação humana do ser por inteiro.

Palavras-chave: Formação das juventudes. Ensino híbrido. Universidade confessional. Edith Stein.

Abstract: This article presents the concept of youths from the perspective of some sciences and culture lived in the confessional universities context. It raises the question about the strategic role of universities in the process of forming young people in Brazilian society, considering the christian point of view of a more human and supportive society and the need of a hybrid education. It points out contributions and challenges expressed in some contemporary documents of the Catholic Church's teaching. The proposed reflection approach the question of the youth using the phenomenological methodological perspective. In conclusion, that it is imperative to experience the empathic dialog to fulfill the mission of the confessional IES as a co-responsible agent in the human whole formation.

Keywords: Youth formation. Hybrid teaching. Confessional university. Edith Stein.

Introdução

A ambiência (BESTETTI, 2014, p. 602) híbrida universitária contemporânea apresenta uma complexa realidade que mescla vivências presenciais e virtuais formando a teia de relações interpessoais na comunidade acadêmica e nos processos de ensino, pesquisa e extensão. Nesta, o conceito de realidade inclui fenômenos em contextos virtuais (WEINBERG, 2009, p. 66) que extrapolam a condição local-temporal e articulam o ciberespaço digital com o espaço físico de forma intrincada, nomeado como espaço ubíquo (SANTAELLA, 2014, p. 23), que toma o conceito de espaço enquanto condição-possibilidade. Essa nova realidade envolve as juventudes que chegam nas instituições de ensino superior.

Os estudos de Bacich, Neto e Trevisani (2015, p. 29) reúnem trabalhos de pesquisadores que apresentam configurações do ensino híbrido na



¹ FAE Centro Universitário, Curitiba, PR, Brasil.

sociedade atual e o quanto a exigência de mudança de *mindset* em fazer educação contribui para uma virada paradigmática na metodologia acadêmica, que deve passar a ter como horizonte a personalização dos processos de ensinagem. O potencial do espaço virtual está em constante configuração, impulsionado pelo avanço das pesquisas e novas tecnologias advindas com o surgimento da internet, dispositivos móveis e inteligência artificial, que projetam uma curva geométrica de descobertas e geração de informações que impactam variáveis sociais, culturais, econômicas, políticas e religiosas e que influenciam no desenvolvimento do conhecimento construído historicamente (BATES, 2016, p. 55-79).

O conjunto das tecnologias e as mudanças que estas desencadeiam resumem-se em uma única categoria que é nomeada por gerações (1.0, 2.0, 3.0, 4.0 e encaminhando-se para 5.0). As mudanças ocorrem em grande escala, em grande parte protagonizados pela indústria a partir de suas diretrizes e impactam os demais segmentos da sociedade, como por exemplo, a educação. Naturalizou-se pensar a "Educação 4.0" (REVOLUÇÃO..., 2019, p. 8-15). Logo, é sob esse prisma que as sociedades estão olhando para as juventudes, para as universidades, para a expectativa de formação e para as relações entre as pessoas.

O desenvolvimento das relações entre os seres humanos no contexto híbrido, considerando as formas de organização da sociedade, aspectos culturais, sociais e econômicos, aliados às múltiplas dimensões da sua identidade (gênero, etnia, classe social, opção religiosa, formação profissional etc.), tece novos códigos de ética formais e informais, produz comunicação em linguagens multiplataformas, forma opinião sobre temas da vida cotidiana, instiga padrões de prioridades e cria uma ecologia da percepção e da comunicação (SANTAELLA, 2012, p. 1-12).

O objetivo do presente artigo é analisar alguns aspectos que implicam impactos das vivências presencial-virtual nos contextos universitários e o quanto essas referências, tecidas a partir das vivências, promovem novas formas de fazer a vida acontecer em todas as dimensões: produtiva-pro-

fissional (novas formas de realizar as atividades profissionais em um cenário cujas pesquisas indicam que daqui a vinte cinco anos serão demandadas da geração produtiva competências ainda hoje desconhecidas); gerativa (cada vez mais estudos de genética aperfeiçoam processos para fecundação artificial, intervenções genéticas na vida em desenvolvimento, incorporação de partes robóticas no organismo orgânico do ser humano); autocuidado (intervenções estéticas, mapeamento genético com fins de prevenção); novos nucleamentos familiares; novas formas de provimento de bens e serviços; ensaios de experiências espirituais e outros desdobramentos do fenômeno do humano em suas coletividades. Aspectos que desafiam a universidade a repensar seu lugar na formação integral do ser humano em tempos híbridos, cujo cenário apresenta circunstâncias fluidas para o viver do planeta e, de forma especial, do ser humano.

A reflexão proposta objetiva articular, ainda, o pensamento de autores que analisam o fenômeno do híbrido, como nova ambiência das juventudes, com as vozes da Igreja Católica que acenam para um papel profético no cultivo de valores que defendam todas as formas de vida (*Christus Vivit* 86-87) e aprendizados, expressos em alguns dos seus documentos que tratam da educação e formação das juventudes no ensino superior. Cabe acenar que o tipo de posicionamento da Instituição de Ensino Superior (IES) explicita a sua compreensão quanto à sua contribuição para a construção de uma sociedade que seja "casa comum" (*Laudato Si* 3). Essa missão passa pela concepção de ser humano e de sua estrutura (STEIN, 2013, p. 23-33) e de sociedade (que envolve uma base antropológica, filosófica, teológica, política, educacional, entre outras ciências). Tal concepção se evidencia de diferentes formas: nas relações que se configuram na ambiência universitária, nos modelos de gestão, nos sentidos dados às parcerias com setores públicos e privados, nas espiritualidades que conectam a essência com o sagrado, nas formas e conteúdos de comunicação de seu propósito, na apropriação das tecnologias, na expectativa e na lógica da produção de conhecimento, na respon-

sabilidade pelo uso dos recursos do planeta, nas relações e padrões culturais, na ética e utilização das estruturas midiáticas, na inclusão de novas configurações de família e no reconhecimento da urgência das competências humanas nas organizações. O propósito é resumido na missão da IES como mediadora do desenvolvimento integral das juventudes universitárias a partir do desenho do projeto de vida, promovendo a inserção destes em contextos híbridos com atitude ativa e responsável. Portanto, cabe repensar o lugar da universidade como mediadora no desenvolvimento de pessoas na sua inteireza para que possam transitar e interagir em qualquer espaço com consciência de seu lugar e papel histórico (STEIN, 1999, p. 55-71).

O referencial metodológico de leitura da realidade utilizado toma como fundamento o paradigma da complexidade (MORIN, 2000, p. 114-115), do conceito de hiper mobilidade e da ideia de modernidade líquida (BAUMANN, 2001, p. 12), fundamentos que contribuem na leitura crítica dos fenômenos. A complexidade do contexto contemporâneo desafia as organizações de educação superior a aprofundarem cada vez mais a especificidade de seu papel na sociedade e a tecerem uma análise crítica, o que demanda pesquisa e apropriação de dados sobre os perfis das juventudes (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2019, p. 1-235) para intervenções efetivas. A perspectiva metodológica com base na fenomenologia apresentada no presente artigo deriva dos estudos realizados na pesquisa acadêmica de doutoramento da autora e de suas vivências no ensino superior com a oferta de projetos discentes e docentes presenciais e na modalidade a distância, projetos que articulam a concepção do híbrido ou *blended* (MORAN, 2015, p. 27).

A seguir, discute-se o fenômeno das juventudes, o papel das universidades como ambientes híbridos formadores, a missão das universidades confessionais e a missão da comunidade formadora. A conclusão aponta para os desafios que o cenário contemporâneo apresenta para dialogar com as juventudes nas IES confessionais levando em conta os contextos híbridos de educação.

1 Juventudes: o fenômeno

O conceito de juventude teve seu nascimento na sociedade moderna ocidental e vem sendo trabalhado pelas diferentes áreas de conhecimento que traduzem o seu arcabouço teórico e cultural por meio dos pesquisadores a partir de seu lugar de pesquisa na leitura do fenômeno. Os resultados de pesquisa sobre o tema das juventudes, contextos híbridos e ambiência universitária demarcam o lugar a partir do qual é analisado o conceito.

Na história das pesquisas, as pessoas que saem da faixa etária da infância, receberam diferentes nomeações, como por exemplo, adolescente, cuja utilização do termo acentua uma perspectiva psicológica de análise das fases do ciclo da vida. Já o termo juventudes, nasce de uma leitura sócio-histórica que abarca uma leitura coletiva do fenômeno construído socialmente, como que argumenta Pereira e Lopes:

Uma das discussões acerca da "juventude" recai sobre sua faixa etária, questionando-se os marcos delimitadores inicial e final dessa fase, os ritos de passagem da infância para a adolescência e juventude e, posteriormente, o demarcador de entrada na vida adulta. A Organização Mundial de Saúde (OMS) classifica como jovens aqueles com idade entre 15 e 24 anos. No Brasil, apesar do Estatuto da Juventude aprovado em 2013, permanece o debate em torno dos limiares entre 15 e 29 anos, faixa que compreende parte do que hoje, ainda, se denomina adolescência, a qual, por outro lado, tem uma definição legal que vai dos 12 anos completos aos 18 anos incompletos. A discussão de sua delimitação superior, nos termos do que se demarca como maioridade penal, é uma questão que se reacendeu entre nós na atual legislatura (PEREIRA; LOPES, 2016, p. 213).

A Organização das Nações Unidas (ONU) traz como referência a faixa etária dos 15 aos 24 anos, porém, é consenso que tal indicação é flexível, fluida e pode variar de acordo com as realidades culturais, socioeconômicas, étnicas, de gênero etc. Weisheimer apresenta o pensamento de diferentes autores, a começar pela análise dos estudos de Philippe Ariès (WEISHEIMER, 2013, p. 10) que apresenta o surgimento da categoria juventude com o nascimento da burguesia. Tal grupo social preservou os seus filhos de um con-

junto de responsabilidades até então inerentes ao crescimento e proporcionou estudos fora da localidade de moradia e tempo para preparação para o mundo do trabalho no princípio da industrialização. Esse deslocamento permitia que tivessem mais tempo de preparação para assumir a condução da própria vida e dos negócios da família que demandaram maior capacitação. Foi sendo criado um período de vida como se fosse de passagem, pedágio para a fase adulta. O autor pondera que a ideia de construção histórica do conceito de juventudes foi tecida pelo avanço das ciências e assevera que:

[...] o término da juventude é definido por critérios eminentemente sociológicos. O fim da juventude aparece relacionado à progressiva autonomia nos planos cívico (maioridade civil) e ligado à conjugação de responsabilidades produtivas um *status* profissional estável); conjugais (um parceiro sexual estável assumido como cônjuge); domésticas (sustento de um domicílio autônomo); e paternal (designação de uma prole dependente). Desta forma, as fronteiras que demarcam o início e o término do período do ciclo de vida caracterizado como "juventude" envolve um conjunto de fenômenos objetivos e subjetivos, sociais e individuais que tendem a variar de sociedade para sociedade (WEISHEIMER, 2013, p. 12).

A publicação do Estatuto da Juventude no Brasil (Lei n.º 12.852, de 5 de agosto de 2013), documento referência para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a juventude no Brasil, também demarca a condição etária, quando diz no seu Art. 1º que "são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade". Discussão seguida por autores como Miranda, Covem, Santos e Rodrigues (2019, p. 1-14) que realizam um estudo apresentando as referências da literatura sobre o tema juventudes e as suas diferentes abordagens. Já Alzipar e Bernal (2004, p. 17) identificam nas abordagens dos diferentes autores estudados alguns eixos articuladores de algumas perspectivas, tais como: a) juventude como etapa no desenvolvimento psicobiológico humano; b) juventude como momento chave para a integração social; c) juventude como dado sociodemográfico; d) juventude como agente de mudança; e) juventude como problema do desenvolvimento;

f) juventude e gerações; e g) juventude como construção sociocultural. As autoras fazem uma análise crítica dessas abordagens indicando fragilidades de compreensão. Argumentam que a perspectiva que melhor atende a leitura do fenômeno no contexto pós-moderno é a visão de que a juventude é uma condição plural, ou seja, devemos tratar de "juventudes". Esse conceito ancora-se em algumas premissas:

Que a juventude é produto da interação entre as condições sociais e as imagens culturais que cada sociedade elabora, em cada momento histórico, sobre esse grupo social. Que a juventude não é algo "natural", estático, não é algo dado, mas que permanentemente está sendo construído e reconstruído historicamente. Que cada sociedade define "a juventude" a partir de seus próprios parâmetros culturais, sociais, políticos e econômicos. Assim, não há uma definição única do que é a juventude e, portanto, as perspectivas tradicionais e os discursos institucionais sobre a juventude podem ser transformados, podem ser desconstruídos e reconstruídos. Existem identidades juvenis que são categorias simbólicas referenciais, nas quais são delimitadas quem pertence ao grupo juvenil e quem fica excluída. Tais identidades são produto de uma tensão permanente entre as representações dominantes sobre o que "deve ser" a juventude, produzidas de fora da perspectiva jovem e aquelas elaboradas pelas próprias jovens. São modificáveis, transitórias e construídas dentro de redes de relações de poder (ALPIZAR; BERNAL, 2004, p. 17).

Savegnano, em seus estudos, analisa as juventudes sobre as seguintes perspectivas: 1) a juventude como *ideal de vida*; 2) a juventude entendida como um momento de *crise*; 3) a juventude enquanto *problema social*; 4) a associação entre juventude e *futuro*; e 5) a juventude como *moratória social* (SAVEGNANO, 2019, p. 197-198).

O autor destaca a associação das juventudes à ideia de futuro e moratória. No que se refere ao objeto deste artigo, esse pensamento está muito presente no contexto universitário ao pensar as juventudes. Há um entendimento cultural de que as pessoas jovens estão em tempo de preparação, de dependência orientação, por direcionamento para assumir algum lugar no futuro na vida pessoal-social e profissional. Muitas vezes, os próprios universitários, consideram legítima a dependência de outros adultos para prover as suas necessidades e estão desculpados por não participarem de

atividades familiares, sociais e profissionais, pois estão ocupados na preparação para um "vir-a-ser". Essa condição foi construída historicamente e torna-se agravada no Brasil pela conjuntura atual de desemprego, postergação de prazos para aposentadoria, processos de digitalização e informatização de ocupações profissionais, fortalecimento do sentido de despreparo e imaturidade socioemocional, reduzindo ainda mais o acesso aos restritos postos de estágio e trabalho.

Souza e Oliveira explicam que não cabe afirmar conceitos fechados sobre o que seja e caracterize a juventude uma vez que existem muitos "recortes etários, étnicos, de classe social, de gênero, além de processos educativos e de sociabilidade" (SOUSA; OLIVEIRA, 2019, p. 254). Entende-se que as juventudes, condição plural, formaram-se historicamente, compondo coletivos com ênfases em diferentes expressividades: música, estilo de vida e comportamentos e que demarcam um lugar. Esses agrupamentos com características semelhantes representaram lugares de pertencimento e busca de legitimidade. As escolas e universidades também representam uma ambiência oportuna para a construção do sentido de pertencimento por excelência, pois contribuem para potencializar a organização das juventudes em "tribos" que buscam recursos e estratégias para suas expressões.

A discussão atual é de que a faixa etária dos 15 aos 24 anos é nomeada como adolescência e a partir dessa idade até os 30 anos é considerada a juventude, como aponta os estudos sobre características dessa faixa etária gerados pelo censo de 2013. Os estudos utilizaram metáforas para referirem-se a essa faixa etária como: "geração canguru" (MÜLLER, 2018, p. 13-14), entre outras razões, explicada pela postergação da dependência dos adultos com quem residem. Da

mesma forma Stênico e Adam (2018, p. 283) analisam tais metáforas utilizadas nos últimos anos sobre a juventude: geração "canguru"², "iô-iô"³, "nem-nem",⁴ não como simples "gerações", mas como processos sociais que impactam diretamente nas condições da juventude na sociedade contemporânea" (STÊNICO; ADAM, 2018, p. 277-278). Tais metáforas são utilizadas nacionalmente, em sintonia com autores de outros países. Essas classificações criam estereótipos que nem sempre correspondem as generalizações das classificações etárias, o que faz parte das conclusões das pesquisas de Abreu Cruz, Oliveira Silva e Werneck Leite (2019, p. 205).

Os autores Formighieri, Silva, Dal Vesco, Cavichioli e Carvalho (2019, p. 54), apresentam um apanhado de classificações que exploram categorias muito utilizadas no Brasil que são as chamadas gerações "X", "Y" e "Z". As análises realizadas pelos pesquisadores apresentam características de cada geração, em sintonia com a descrição realizada por Comazzeto, Vasconcellos, Perrone e Gonçalves (2016, p. 145-155), que adotam como enfoque do respectivo artigo os níveis de procrastinação de cada uma das gerações. Em comparação com outros estudos já citados, identifica-se que algumas variáveis organizacionais que contribuem para alimentar parte dessa postura, como por exemplo, a forma que a sociedade brasileira trata as pessoas nas diferentes fases do ciclo da vida, incutindo a ideia de que a juventude é um tempo de realizar sonhos, de aventuras e curtidão da vida, de prazer e estética e também de não lugar de responsabilidade atual, apenas lugar no futuro, logo, se não precisa assumir agora, é possível fazer depois, mais tarde, em outro tempo.

Historicamente a psicologia, a educação, a sociologia e outras ciências olham para as ju-

² [...] a chamada "Geração Canguru", essa titulação se refere àqueles jovens que prolongam o tempo de permanência na casa dos pais, tal como o mamífero marsupial Canguru que carrega seu filhote em uma bolsa para completar seu desenvolvimento, já que nascem imaturos (STÊNICO; ADAM, 2018, p. 276-288).

³ Os jovens que integram a "Geração Ioiô" abandonam a escola, adquirem emprego e se casam, ou seja, deixam de ser jovens e passam a ser adultos, mas em seguida, tornam-se desempregados, divorciam, voltam a estudar e por não conseguirem assumir-se autonomamente, retornam a casa dos pais e novamente redescobrem a juventude. Esse processo de ir e vir, de avançar e retroceder simula os movimentos do brinquedo Ioiô de cair e subir, daí seu nome (STÊNICO; ADAM, 2018, p. 276-288).

⁴ "[...] IFenômeno intitulado 'Geração Nem-Nem', trata-se de outra metáfora associado aos jovens que nem trabalham e nem estudam. De acordo com dados do IBGE baseado na Pnad de 2012, quase um quinto dos jovens pertencem à geração 'Nem Nem', ou seja, são 9,8 milhões de jovens com idade entre 15 a 29 anos, sendo a maioria formada por mulheres, chegando a 70,3%" (STÊNICO; ADAM, 2018, p. 276-288).

ventudes e apresentam suas perspectivas de análise, que são parciais, portanto, devem ser articuladas entre si para ampliar a percepção. Considerando o objetivo desse artigo, as abordagens sociológicas e educacionais que tomam o método fenomenológico (HUSSERL, 2010, p. 5-8) como forma de aproximação do fenômeno juventudes atendem melhor ao propósito. Considera-se que os critérios sociológicos não ordenam de forma determinante o período de desenvolvimento de todos os seres humanos em uma faixa etária delimitada e consideram que a inserção das juventudes em seus contextos são aspectos fundamentais para explicar determinadas características desde a origem dos conceitos e que não podem ser massificadas.

Também a Igreja, por meio do documento Sinodal *Christus vivit*, em 2019, manifesta o entendimento de que são muitas juventudes. Embora em um contexto de crescente globalização, os Padres Sinodais pediram para salientar as múltiplas diferenças entre contextos e culturas, inclusive dentro do mesmo país e "a faixa etária considerada pelo presente Sinodo (16-29 anos) não representa um todo homogêneo, mas compõe-se de grupos que vivem situações peculiares" (*Christus vivit* 68). E por não ser uma categoria que se possa classificar de forma homogênea é preciso ser olhada de forma contextualizada e concreta.

2 A universidade e a formação das juventudes em contextos híbridos

A IES confessional passou, ao longo da história, por um processo de definição, de esclarecimento de seu lugar no mundo da educação superior brasileira. Nas últimas duas décadas o caminho percorrido implicou em investimento na profissionalização da gestão e de seus modelos pedagógicos para apresentar à sociedade um discurso moderno, alinhado às demandas do mercado de trabalho. Utilizou-se de todas as formas e canais de comunicação, especialmente das redes sociais, para comunicar a inovação, a constante criação e compromisso com a entrega de um serviço de excelência para preservar a sua participação no mercado educacional.

Vive-se um tempo em que os alunos e a comunidade não querem mais ouvir a caracterização da oferta de ensino pelos aspectos tradicionais, porque a diferenciação entre as IES tornou-se cada vez menor: infraestrutura e tecnologias, resultados de avaliações do Ministério da Educação, titulação do corpo docente, mensalidades e outros. As lacunas que se evidenciavam na sociedade em relação aos compromissos com um "outro mundo possível" tornaram-se tão evidentes que as IES confessionais entenderam que o seu discurso precisava retornar para os valores que emergiram de seus carismas, preconizando a formação das pessoas inteiras. Tornou-se mais evidente a expectativa da sociedade de que as IES ofereçam o que as famílias não estão mais dando conta para uma adolescência cada vez mais tardia.

O valor da IES está em tornar explícita e efetiva a vivência dos princípios mais consistentes de sua missão na formação de pessoas cada vez mais humanas e profissionais éticos e comprometidos com os destinos das sociedades. O mundo atual espera das IES confessionais propostas que sejam formadoras de pessoas e que possam compreender e dialogar. É chegado o tempo que as IES não poderão se eximir de encarar discussões cruciais que afetam as juventudes: éticas, hibridização do humano, empregabilidade, coletivos, gênero, políticas públicas e outros. Não será mais possível sustentar discursos sobre valores humanos sem programas efetivos que desenvolvam o sentido do humano no percurso de formação profissional. Não será mais aceitável falar de sustentabilidade, responsabilidade social, formação de identidade e alteridade cidadã, atuação presencial e virtual, sem promover de forma ativa um conjunto de práticas implementadas e avaliadas no processo formativo contínuo do planejamento institucional. Não haverá caminho para exercício da missão sem a coragem de agir em sua especificidade confessional, oportunizando a formação integral, pois as juventudes também clamam por vivências e referências nos contextos presenciais e virtuais.

A discussão refere-se ao *locus* das IES confessionais em seu esforço de mudança em prol de uma proposta acadêmica que busca atuar em

contextos híbridos, dialogar com os novos perfis das juventudes nas vivências presenciais e virtuais do processo formativo. O tema das juventudes conta com especial relevância em um cenário complexo e que apresenta novas formas das juventudes marcarem presença nas sociedades.

Por fim, evidencia-se a urgência das universidades, especialmente as confessionais, cujo foco é o ser humano em sua inteireza, por natureza e missão, voltarem-se para o estudo do fenômeno das juventudes para compreender, dialogar e exercer a sua missão. Para tanto, é preciso alargar o olhar e buscar dados em diferentes campos de pesquisa, utilizando métodos que considerem cenários complexos a partir de abordagens multi e transdisciplinares, como por exemplo, a fenomenologia (ALES BELLO, 2000, p. 33-49).

Portanto, o contexto das evoluções tecnológicas, hibridismos, virtualidades devem ser compreendidos e trabalhados de forma crítica, evitando demonizações ou endeusamentos. O grande desafio é fazer com que os processos de formação ocorram com base em:

[...] um processo social dialógico, voltada para a interação humana, focada em valores, no nosso caso defendemos os valores humanistas. Mas a formação pode ser orientada por outros valores, como se faz em nossa sociedade hoje. Os processos de formação, com a tecnologia 4.0, ou não, na atualidade, estão orientados pelos valores da concorrência, pelo individualismo e pelo interesse no dinheiro. Não é um problema da tecnologia. É como se usa a tecnologia (FIGARO, 2019, p. 544-545).

Um elemento importante em tempos de fragilidades conceituais, difusão de verdades duvidosas, superficialidades e *fakes*, é a atualização das referências de autores que já apresentaram historicamente luzes fundantes, como por exemplo, os próprios fundadores das instituições confessionais que motivaram as razões de seu existir e, cujo legado, possuem a força profética que demanda atualização: São Marcelino Champagnat, Dom Bosco, Beata Bárbara Maix, Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), entre outros, que seguiram um só modelo: Jesus Cristo. Para essa atualização é fundamental conhecer os contextos de inserção das juventudes e sua construção histórica.

3 A universidade confessional e o humanismo social cristão

O secularismo no decorrer do século XX exigiu das IES confessionais um novo diálogo com as ciências para compreender o fenômeno do ser humano em mudança e de forma especial das juventudes e seus protagonismos. Os embates teológicos e acadêmicos levaram a reconhecer a importância de leituras inter e transdisciplinares, voltadas para uma articulação entre as ciências para aprimorar modelos organizacionais sintonizados com a vida das sociedades em mudança.

O Concílio Vaticano II assumiu, embora com dificuldades, a necessidade de pensar o papel do cristão no mundo e, portanto, a responsabilidade da Igreja Católica de se abrir em diálogo com o mundo moderno e assumir o compromisso de pensar toda a teologia e seu diálogo com todas as realidades, portanto, não poderia eximir-se de pensar a educação das juventudes. Fez uma retomada dos fundamentos filosófico-antropológicos, pedagógicos e teológicos que sustentavam a missão no campo da educação católica por meio da declaração *Gravissimum Educationis*.

O hibridismo digital no século XXI rompe com o paradigma tempo-espaço e impõe às IES o compromisso de uma nova forma de fazer ciência e de atualização dos seus fundamentos históricos. Avançando para o momento atual, a Igreja Católica tem, no pontificado do Papa Francisco, um novo protagonismo, uma nova abertura para as novas realidades quando acena para a "Igreja em saída". A sua novidade está na essência do desafio colocado para todos os cristãos, com especial atenção às juventudes. O documento Sinodal lembra que:

A escola católica continua a ser essencial como espaço de evangelização dos jovens. É importante ter presente alguns critérios inspiradores, indicados na Constituição Apostólica *Veritatis gaudium* em ordem a uma renovação e relançamento das escolas e universidades «em saída» missionária, tais como a experiência do querigma, o diálogo a todos os níveis, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, a promoção da cultura do encontro, a necessidade urgente de «criar rede» e a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e abandona; e também a capacidade de integrar os saberes da cabeça, do coração e das mãos (*Christus vivit* 222).

Mas há uma grande diferença: se o Vaticano II foi uma abertura de portas para a modernidade e para os leigos entrarem e encontrarem espaços na Igreja, a proposta atual do Papa Francisco é a "saída" da Igreja em direção das periferias do mundo, ter uma prontidão para uma ativa disposição de sair-do-lugar-seguro, que são as estruturas físicas, ideológicas, econômicas e teológicas aprisionadoras, cerceadoras do ser humano em todas as suas dimensões: corporal, espiritual, psíquica e sociocultural.

A Congregação para a Educação Católica apela-nos para *Educar ao Humanismo Solidário* (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2017, n. 2-10), alinhado com uma Igreja "em saída". É preciso compreender a essência da expressão "Igreja em saída", pois esta difere da expressão, "de saída". Compreende-se na preposição "em" a força do movimento, insistência para olhar para as demandas da sociedade contemporânea que necessitam de uma educação voltada para a formação das juventudes de forma integral.

4 Do humanismo cristão para um "humanismo solidário"

O texto da Congregação para a Educação Católica (CEC), intitulado "Educar ao humanismo solidário" alude a um movimento na Igreja Católica orientado para assumir a identidade cristã como expressão pessoal e social, dando relevância à própria humanidade para fazer frente ao "humanismo decadente, fundado [...] no paradigma da indiferença" (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, n. 4). A sociedade atual está "carente de projetos para uma convivência pública adequada, a fim de tornar a existência de todos e de cada um, aceitável e digna" (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, n. 6). Isso é possível a partir do momento em que há uma compreensão profunda da condição humana, das relações intersubjetivas, dos vínculos comunitários e sociais, das formas de significar o sagrado em todas as fases do ciclo da vida. Esses elementos apresentam-se como critérios para compreender, respeitar e promover laços

de origem e destino comuns.

A proposta para humanizar a educação fundamenta-se na necessidade de se abrir a um novo humanismo, no qual a pessoa insira-se no diálogo e coopere na promoção do bem comum. O compromisso das instituições em "humanizar a educação" leva a ressignificar os horizontes da missão. O Papa Francisco, quanto à universidade, explicita que:

[...] a universidade só tem pleno sentido em relação à formação da pessoa. Todos os educadores são chamados a colaborar neste processo de crescimento humano com o seu profissionalismo e com a riqueza de humanidade da qual são portadores, a fim de ajudar os jovens a tornarem-se construtores de um mundo mais solidário e pacífico. Ainda mais as instituições educativas católicas que têm a missão de oferecer horizontes abertos à transcendência (Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da Congregação para a Educação Católica).

Portanto, a Igreja Católica no decorrer dos anos 2017-2018, refletindo sobre o papel das instituições de ensino, especialmente das católicas, aponta para um contundente apelo para reverem em seus projetos o compromisso com a formação humana e cidadã. As reflexões aludem à cultura de um "autêntico diálogo", baseado na "liberdade e na igualdade". A igreja compreende que o cidadão, formado na cultura do diálogo, será capaz de viver e agir com base em "princípios relacionais" (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2017, n. 11-15). Em seu discurso, Papa Francisco, assevera que "as universidades são chamadas a ensinar um método de diálogo intelectual finalizado à busca da verdade" (Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da Congregação para a Educação Católica).

Nos pronunciamentos do Papa Francisco é claro o desafio para uma inserção ativa das universidades no mundo para promover a formação do ser humano por inteiro. Desse modo, o humanismo solidário comporta todas as expressões religiosas e não religiosas e torna-se uma categoria inclusiva, portanto, é uma referência basilar, para um projeto acadêmico que se compromete com formação pessoal e profissional das juventudes.

5 Ambiência universitária híbrida como comunidade formadora

A IES que assume a sua missão de comunidade formadora deverá contemplar em seus projetos acadêmicos o estudo sobre quem é o ser humano, a sua essência, a sua origem e propósito, assim como promover encontros empáticos com o outro e vivências comunitárias significativas em qualquer contexto, seja presencial, virtual ou híbrido. O viver *em* e *na* comunidade, forma, em parte, a singularidade do indivíduo, mas a ultrapassa, pela capacidade espiritual que move cada um a estabelecer relações com o grupo. A vida em comunidade é muito mais do que a soma dos indivíduos, leva ao reconhecimento do outro, de si mesmo e dos propósitos que transcendem as individualidades.

A grandiosidade da vida comunitária consiste na possibilidade de cada um descobrir a singularidade, a individualidade e de acolher o outro no seu processo e juntos, pela troca intersubjetiva, serem desafiados de forma mútua a evoluir, ressignificar, desenvolver e consolidar as próprias potencialidades. Essa é, também, uma das grandes riquezas da comunidade universitária confessional, aprender a criar laços de convivência e agir de forma coletiva na sociedade. Essa possibilidade não está atrelada somente ao espaço físico da sala de aula ou do prédio universitário, mas também, em todos os espaços virtuais que potencializam as vivências.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) apresenta diretrizes para pensar o lugar das universidades católicas no cenário da formação no Brasil. A CNBB e a Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC) posicionam-se fortalecendo a convocação do Papa Francisco a partir do documento "Educação: pensando o Brasil" (CNBB, 2017). O profetismo é a condição essencial do ser cristão e atualiza no tempo e no espaço social a missão do próprio Cristo. Exige discernimento, ousadia, competência humana e profissional, primando pela formação integral. O compromisso da educação envolve o desenvolvimento das potencialidades de cada pessoa em sua singularidade, tanto quanto na dimensão da convivialidade nos espaços sociais presenciais e

virtuais, onde se faz necessária a inserção cidadã e comprometida com o desenvolvimento da comunidade. O desafio atual tende a uma criticidade desconcertante, pois o processo de conexão da Igreja Católica e de suas instituições de ensino ainda engatinha na busca da equilíbrio entre a preservação dos postulados, doutrinas e ritos, já defasados no contexto do tempo-espaço pós-moderno e excessiva mimetização, quando assumem a adaptação e subserviência ao ritmo da globalização, do mercado neoliberal; resultado da ingênua e irresponsável tentativa de falar a linguagem "do cliente" para lidar com a concorrência desleal.

Santos (2018) afirma que a universidade deve rever o quanto as suas raízes ainda se prendem nos modelos encabeçados pelo capitalismo, colonialismo e hétero-patriarcado" e, para tal, propõe uma radical ressignificação epistemológica, voltando à análise dos pressupostos de sua razão de existir. Tal proposição ressoa ao que já se fazia no final do século XIX e início do século XX com a fenomenologia de Edmund Husserl (2010) e Edith Stein (1988), quando questionavam os fundamentos da ciência, a compreensão do ser humano e de seu lugar na sociedade e, portanto, do lugar na universidade e da formação, trazendo a fenomenologia como nova forma de fazer ciência. Se tal compromisso está posto para qualquer universidade, maior compromisso será para as instituições confessionais cristãs que deverão incorporar a missão do Cristo e oferecer uma formação que promova a humanidade plena em cada ser humano (*Jo 10,10*) em suas vivências, superando o absurdo, desdobrando o sentido e assumindo a faticidade da vida a partir da ética e participação solidária-cidadã.

O discernimento e o enfrentamento em tempos de crise gestam-se de forma coletiva. Essa é a razão pela qual o Papa Francisco convoca as instituições católicas a formarem "redes" em busca da reflexão, da avaliação, do fortalecimento de práticas coerentes para "humanizar a educação" (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2017, n. 9). Afirma que "criar rede significa unir as instituições escolares e universitárias a fim de potencializar a iniciativa educativa e de pesquisa,

enriquecendo-se com os pontos de força de cada uma para serem mais eficazes a nível intelectual e cultural" (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2017, n. 24). O profetismo da IES está na vivência de princípios capazes de dialogar com qualquer ser humano, é o que propõe a Congregação para a Educação Católica.

O papel das universidades consiste, portanto, promover atividades de ensino, pesquisa e extensão que colaborem para a transformação da sociedade. A encíclica *Laudato Si* resgata o papel fundamental da universidade quando diz que "a educação será ineficaz e os esforços estereis se não se preocupar também em difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza" (*Laudato Si* 215). É, ainda, tarefa da universidade "promover serviços universitários evangelizadores em conjunto com seus irmãos de outras denominações cristãs, de outras experiências religiosas, em uma postura de abertura e respeito" (CNBB, 2019, n. 33). Mas esses serviços não devem restringirem-se a situações pontuais e espaços físicos institucionais, mas abranger todos os espaços presenciais e virtuais do processo de ensino-aprendizagem.

Um dos grandes eixos de atuação das universidades é auxiliar as juventudes diante da ausência de sentido que se expressa, por vezes, em "crises existenciais, com dúvidas em relação à carreira, sobre o curso escolhido, relacionamentos e, também sobre o sentido da vida" (CNBB, 2019, n. 46). O texto revela grande sensibilidade diante do ser humano em processo de formação e propõe esse lugar com um espaço de ação, missão pastoral, portanto, um *locus* teológico. O foco da universidade não deve ser apenas desenvolvimento de competências intelectuais, mas "uma formação integral, abrangente, ampla, humana" (CNBB, 2019, n. 18).

Outros aspectos indicados nos estudos da CNBB a serem considerados no âmbito da formação universitária, são os temas de "fronteiras no ambiente universitário": mobilidade urbana e rural; estudantes indígenas; migrantes internacionais e refugiados; mulher no ensino superior; a pobreza na vida acadêmica e as políticas públicas

educacionais; pessoas com deficiência; ensino à distância; internet e redes sociais (CNBB, 2019, n. 53). Reconhece-se também nos últimos temas a dimensão de outros contextos que implicam o virtual e o híbrido na educação.

Considerações finais

A educação superior no Brasil atravessa, hoje, um tempo de crise quanto ao seu horizonte estratégico e sobre seu lugar no desenvolvimento do país, grande parte da crise agravada pela falta de um projeto político que inclua as universidades como agentes desse processo. O projeto governamental sofre pela fragilidade de fundamentos e diretrizes para políticas públicas de formação humana e cidadã.

Nesse cenário, as IES confessionais são desafiadas a rever a sua missão, reafirmando aspectos que evidenciam os diferenciais em suas propostas de formação, explicitando a opção pela formação de redes de enfrentamento e fortalecimento de um posicionamento em favor da vida humana e da sociedade como prioridade. A priorização da formação humana integral terá lugar no planejamento estratégico do país e de cada IES, principalmente das IES confessionais, quando for reconhecida como um valor para toda a humanidade, colocando-se muito além de uma "vitrine" para a diferenciação frente à concorrência, o que representa, nessa condição, mera demagogia.

Diante do absurdo de alguns acontecimentos na existência, cabe a IES confessional contribuir para que cada ser humano encontre razões para dar sentido à vida pessoal e aos seus lugares de pertença e a sua relação planetária. O desafio de ressignificar as vivências na ambiência universitária confessional de uma forma que potencialize novos sentidos é um exercício exigente que deve fazer parte do cotidiano presencial e virtual no contexto acadêmico, identificando as potencialidades e limitações de cada um.

É a partir da apuração do olhar sobre as vivências das juventudes e do aprimoramento das formas de mediação presencial e virtual que a IES confessional poderá promover a reflexão crítica e o despertar da consciência por parte das juventudes de seu lugar como protagonistas no

desenvolvimento de suas identidades e comunidades. Pois, o formar o ser humano integral e mediar processos de formação de coletividades que promovam o viver em comunidade é a razão de origem e fim das universidades confessionais.

A compreensão de que a realização da missão da IES confessional depende de quadros de gestão e educadores alinhados com esse horizonte é a condição de sobrevivência dos seus carismas. Estes são chamados à ressignificação, atualização no mundo em mudança. E para tal é preciso estudar o fenômeno das juventudes, compreender os seus movimentos, dialogar com os diferentes perfis que são destinatários do serviço educacional. Alinhada a essa premissa está o imperativo de conectar-se empaticamente com o perfil das juventudes que ingressam nas universidades confessionais e com elas trilhar os caminhos da formação.

O compromisso das IES confessionais está em ir muito além da capacitação profissional e, principalmente, desenvolver pessoas, priorizar a humanidade em evolução das juventudes e promover caminhos para que estes sejam o melhor de si mesmos em múltiplos contextos híbridos de educação.

Referências

ABREU CRUZ, Lígia; OLIVEIRA SILVA, Lígia Carolina; WERNECK LEITE, Cibele Dayana de Sousa. As novas gerações não têm comprometimento? Diferenças no comprometimento organizacional ao longo dos grupos geracionais. *ReCaPe*, v. 9, n.º. 2, 2019, maio/ago., p. 205. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ReCaPe/article/view/38853/28227>. Acesso em: 23 jan. 2020.

ALES BELLO, Ângela. *A fenomenologia do ser humano*. Bauru: EDUSC, 2000.

ALPIZAR, Lydia; BERNAL, Marina; ARROYO, Roxana; FACIO, Alda; QUERALT, Laura; VELÁSQUEZ, Julia. Construção Social da Juventude. In: MANUAL de capacitação em direitos humanos das mulheres jovens e aplicação da CEDAW. Rede Latino Americana e Caribenha de Jovens por Direitos Sexuais e Reprodutivos – REDLAC e pelo Programa Mulher, Justiça e Gênero – ILANUD. Edição Brasileira: Fundo de Populações das Nações Unidas – UNFPA, 2004, p. 21-35. Disponível em: <https://www.academia.edu/11643621/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

ANAIS CONGRESSO MAGIS BRASIL. Jesuitas. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2018. Disponível em: <https://magisbrasil.com/ii-simposio-nacional-aproximacoes-com-o-mundo-juvenil-inicia-na-faje-20180125>. Acesso em: 25 jan. 2020.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (org.). *Processos de ensinagem na universidade*. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2007.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo. TREVISANI, Fernando. M. (org.). *Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

BATES, Anthony W. *Educar na Era Digital: design, ensino e aprendizagem*. São Paulo: Artesanato Educacional, 2016.

BAUMANN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

BESTETTI, Maria Luisa Trindade. Ambiência: espaço físico e comportamento. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 601-610, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgb/v17n3/1809-9823-rb-gg-17-03-00601.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2020. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13083>

BRASIL. *Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013*. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 03 jan. 2020.

CHRISTENSEN, Clayton; EYRING, Henry J. *A universidade inovadora: mudando o DNA do ensino superior de fora para dentro*. Porto Alegre: Bookmann, 2014.

COMAZZETTO, Leticia Reghelin *et al.* A Geração Y no Mercado de Trabalho: um Estudo Comparativo entre Gerações. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 36, n. 1, p. 145-157, mar. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000100145&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 jan. 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001352014>

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Educação*. Brasília: CNBB, 2017. (Coleção pensando o Brasil, v. 4)

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Setor Universidades da Igreja no Brasil: identidade e missão*. Brasília: CNBB, 2019.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Educar ao humanismo solidário*, 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html. Acesso em: 27 jan. 2020.

FIGARO, Roseli. As reconfigurações da comunicação no cenário da Revolução 4.0 e seus desdobramentos. *Revista IHU on-line: Revolução 4.0*. Novas fronteiras para a vida e a educação, 2019, p. 544-545. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao544.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2020.

FORMIGHIERI, Tamara Prediger; SILVA, Sidnei Celerino Da.; DAL VESCO, Delci Grapegia; CAVICHIOLO, Denize; CARVALHO, Sônia. *Níveis de Procrastinação e Autorregulação dos Estudantes das Gerações x, y e z: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal nos cursos das áreas empresariais*. Disponível em: https://congressosp.fipecafi.org/anais/Anais2019_NEW/ArtigosDownload/1754.pdf. Acesso em: 02 fev. 2020.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica*, 2017. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170209_plenaria-e-ducazione-cattolica.html. Acesso em: 02 fev. 2020.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos membros da fundação Gravissimum Educationis*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180625_gravissimum-educationis.html. Acesso em: 22 abr. 2019.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Christus vivit*, 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 02 fev. 2020.

FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato Si' do sobre o cuidado da casa comum*, 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 02 fev. 2020.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA. *Juventudes e Conexões*, 2019. Disponível em: <http://fundacaotelefonica.org.br/projetos/juventudes-e-conexoes/>. Acesso em: 27 jan. 2020.

HUSSERL, E. *Meditações Cartesianas: introdução à fenomenologia*. Trad. de F. Oliveira. São Paulo: Madras, 2010.

MIRANDA, J.; QUEIROZ, E.; DOS SANTOS, N.; RODRIGUES, D. Juventude e protagonismo: categoria teórica e social em experiências de extensão universitária. *Revista UFG*, n. 19, 2019. <https://doi.org/10.5216/revufg.v19.60052>

MORAN, José. A educação híbrida: Um conceito-chave para educação hoje. In: BACICH, Lillian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando M. (org.). *Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reformar-reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

MÜLLER, Ana Paula Fest. *Valores familiares contemporâneos da 'geração canguru' na perspectiva de pais e filhos*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Salvador, 2018. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/402/1/dissertacaoanam%3%gcller.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2020.

PEREIRA, Beatriz. P.; LOPES, Roseli. E. Por que ir à Escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do ensino médio. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 193-216, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362016000100193&script=sci_arttext. Acesso em: 24 jan. 2020. <https://doi.org/10.1590/2175-623655950>

REVOLUÇÃO 4.0. Novas fronteiras para a vida e a educação. 2019. *Revista IHU on-line*, São Leopoldo, n. 544, 2019. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao544.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2020.

SANTAELLA, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação. *Revista Ensino Superior Unicamp*, 2014. Disponível em: https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf. Acesso em: 23 jan. 2020.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia. *Percepção: fenomenologia, ecologia e semiótica*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O colonialismo e o século XXI. *Revista on-line IHU*, Unisinos, São Leopoldo, 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/577588-boaventura-o-colonialismo-e-o-seculo-xxi>. Acesso em: 02 fev. 2020.

SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro. *Práticas discursivas e sociais relativas aos jovens e à juventude*. Disponível em: https://www.academia.edu/39979957/PR%C3%81TICAS_DISCURSIVAS_E_SOCIAIS_RELATIVAS_AOS_JOVENS_E_%C3%80_JUVENTUDE. Acesso em: 24 abr. 2020.

SOUSA, Nadia Jane de; OLIVEIRA, Mariana Lins de. Juventudes na contemporaneidade: possibilidades outras de sociabilidades. *Revista Tessitura*. v. 21, n. 48, p. 254, out./dez. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5096/3585>. Acesso em: 22 jan. 2020. <https://doi.org/10.17648/textura-2358-0801-21-48-5096>

STEIN, Edith. *Introduzione alla Filosofia*. Traduzione dal tedesco di Anna Nmaria Pezzella. Città Nuova Editrice, Roma, 1988.

STEIN, Edith. *L'empatia di Edith Stein*. A cura di Michele Nicoletti. 2. ed. Milano, Itália: Franco Angeli, 1992.

STEIN, Edith. *A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru, São Paulo: Editora da Universidade Sagrado Coração, 1999.

STEIN, Edith. *L'universo nella coscienza: introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl*, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius. Pisa: ETS, 2003.

STEIN, Edith. ¿Qué es el hombre? La antropología de la doctrina católica de la fe. Madrid: Coeditores: Editorial Monte Carmelo, Ediciones El Carmen, Editorial de Espiritualidad, 2003. (Obras Completas. IV Escritos Antropológicos y Pedagógicos – Magisterio de vida Cristiana, 1926-1933).

STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía: Los problemas de la subjetividad*. Traducción do alemán por Constantino Ruiz Garrido e José Luis Caballero Bono. [S.l.]: Espiritualidad; Monte Carmelo; Ediciones El Carmen, 2005. Vol. II.

STEIN, Edith. *La struttura della Persona umana: corso di antropologia filsofica*. Roma: Città Nuova, 2013.

STEIN, Edith. *Gli Intellettualli*. In Das Heilige Feuer, XVIII, Luglio-agosto 1931. Roma: Castelveccchi Editore, 2015.

STEIN, Edith. *Formazione e sviluppo dell' individualità*. Roma: Città Nuova, 2017.

STÊNICO, Joselaine Andréia de Godoy; ADAM, Joyce Mary. As concepções de adolescente e as metáforas "ioiô", "canguru" e "nem nem" como processos sociais. *HOLOS*, [S.l.], v. 2, p. 276-288, jun. 2018, p. 283. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4101>. Acesso em: 27 jan. 2020. <https://doi.org/10.15628/holos.2018.4101>

UNESCO, 2017. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/social-and-human-sciences/youth/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

WEINBERG, Alexander. *O que é o virtual?* Teresópolis: Editora Daimon, 2009.

WEISHEIMER, Nilson. Apontamentos para uma sociologia da juventude. *Revista Cabo-verdiana de Ciências Sociais*, Cabo Verde, ano 1, n. 1, p. 09-26, jan.-dez. 2013. Disponível em https://www.academia.edu/7146270/Revista_Cabo-verdiana_de_Ciencias_Sociais_-_Juventudes. Acesso em: 27 jan. 2020.

Vera Fátima Dullius

Doutorado em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná na linha de pesquisa Teologia e Sociedade (2019). Realiza pesquisas em Edith Stein, consciência, fenomenologia e formação docente. Cursa MBA Educação Híbrida, Metodologias e Gestão da Aprendizagem. Mestre em Educação (2007) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa de Gestão e Políticas Educacionais. A Dissertação trata das "Políticas de Formação Docente: oferta da formação inicial no Rio Grande do Sul e a relação com as demandas da Educação Básica". Graduada em Pedagogia (1996) e Administração de Empresas (2011). Especialista em Psicopedagogia Institucional (1998). Exerceu funções de direção de escola de Educação Básica, assessoria pedagógica e gestão de Projetos Sociais. Experiência em Direção Geral e Direção Acadêmica de Instituição de Ensino Superior. Exerce docência em cursos superiores. Coordenação de Curso e atualmente Coordena o Núcleo de Educação a Distância da FAE Centro Universitário, Curitiba-Paraná. Experiência na área de Educação com ênfase em legislação, empreendedorismo, políticas de formação docente, formação humana, gestão educacional, planejamento e avaliação do Ensino Superior e Educação a Distância. Desenho Educacional de material didático para

Endereço para correspondência

Vera Fátima Dullius
FAE Centro Universitário
Rua 24 de Maio, 135
Centro, 80230080
Curitiba, PR, Brasil